



(1) “Mas têm patroas que ainda tem a gente como escrava, e elas como senhora. Isso hoje infelizmente ainda existe. Tem umas coisas que mudaram, mas tem umas coisas que ainda existe, e existe tanto do lado da doméstica quanto do lado da patroa. A gente ainda é como escravo, como propriedade da patroa. E aí você passa a pedir. Quando eu passo a pedir, então é porque eu não tenho direito. E aí passa as meninas a não ter férias, mesmo tendo carteira assinada, porque a menina tem que pedir. E pedir é muito duro. Por mais que a gente diga que ela tem direito, ela diz: “A patroa não deu e eu não peço”. Como a doméstica está com essa mentalidade de pedir, ela não pede, porque pedir é humilhante. Quer dizer, como a menina não descobriu que tem direito de exigir uma folga semanal ou quinzenal, acha que é pedir, e isso ela não faz. Por isso que eu digo que tem muitas coisas que ainda se comparam com outro tempo. Não digo dos escravos, mas a mentalidade ainda existe.”

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 73.

(2) “Tempos depois, eu, a cozinheira e a costureira começamos a estudar à noite. Ao voltar pra casa, aprendi a passar ao longo da casa e entrar nos quartos sem fazer nenhum barulho. Se me vissem acordada, mesmo à noite e depois de um dia inteiro de trabalho, os patrões eram capazes de me chamar para fazer algum serviço a mais. Os quartos não eram confortáveis, mas era neles onde a gente tinha uma certa liberdade. Onde podia rir à vontade e conversar o que quisesse. Mesmo assim, a mãe de minha patroa, que era a dona da casa, reclamava bastante se a gente ficasse com a luz do quarto acesa muito tempo.”

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 39.

(3) “(...) a partir da nova Constituição [1988], avançamos bastante na conquista dos direitos trabalhistas, mas não conseguimos ainda o reconhecimento do valor social do nosso trabalho. É fácil entender o que quero dizer, comparando com o problema da raça negra. Tantos anos já se passaram desde a abolição da escravatura no Brasil, e a discriminação em relação aos negros ainda continua a existir. É verdade que tem diminuído um pouco, por conta da ação dos movimentos negros. Hoje, existem também algumas leis contra a discriminação racial que podem até levar alguém para a cadeia, mas a cultura de desprezo aos negros ainda está longe de se acabar. Eu percebo até dentro da categoria e no bairro onde moro, essa discriminação em relação ao negro. Faço uma comparação com o valor social do trabalho doméstico. Existem os direitos, existe a lei, mas a sociedade ainda desvaloriza o trabalho doméstico.”

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 189.

(4) “Quando fiquei conhecendo a história dos escravos, vi a vida da minha mãe. Ela não foi vendida, também acho que não apanhou, mas, no resto, vivia e trabalhava como uma escrava! Pertencia a uma família que não era a sua e ia passando para as mãos dos filhos, como se fosse objeto da casa.”

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 29.

(5) “Aí é que eu acho, as pessoas dizem: “Essa comida e essa casa... Vocês têm casa, têm comida”. Mas isso tem uma marca muito grande, muito grande. Todo mundo fala: “A comida, a comida, a comida”. Meu deus, mas que comida? Não quero dizer que tem casa que a comida é mais ruim, mas tem casa que a comida é boa, tem casa que a comida é igual. Mas por tudo se passa aquela comida na cara da gente... As pessoas querem dizer que a doméstica tem que ganhar pouco porque tem comida, porque come. E não vê que a gente trabalha tanto. E o pior é que dizem tanto isso que a doméstica passa a ver que, de fato, aquela comida é tudo na vida dela. Eu não quero dizer que não deixa de ser tudo. Mas ela aceita quase que a ganhar pouco porque tem a comida.”

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 41.



(6) “O que ela quer é uma hora para pegar o serviço e uma hora para parar. Porque o que a gente sente é que a gente não é dona da nossa vida. As meninas dizem isso abertamente: “A gente não é dona da vida da gente, porque a gente não pode dizer ‘eu chego a tal hora’ Nem para falar com o namorado, nem para aula, nem para uma reunião, nem para nada, porque tudo está dependendo dos donos da casa”. Um dia almoça num horário, outro dia almoça no outro.”

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 75.

(7) “Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama [mulher negra escravizada no período colonial] permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas (...) E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas. Melhor exemplo disso são os casos de discriminação de mulheres negras da classe média, cada vez mais crescentes. Não adianta serem ‘educadas’ ou estarem ‘bem vestidas’ (afinal, ‘boa aparência’, como vemos nos anúncios de emprego, é uma categoria ‘branca’, unicamente atribuível a ‘brancas’ ou ‘clarinhas’). Os porteiros dos edifícios obrigam-nos a entrar pela porta de serviço, obedecendo às instruções dos síndicos brancos (os mesmos que as “comem com os olhos” no carnaval ou nos oba-obas da vida. Afinal, se é preta só pode ser doméstica, logo, entrada de serviço.”

Lélia Gonzalez, “Sexismo e Racismo na Cultura Brasileira”, 1987, página 230.

(8) “O mito que se trata de reencenar aqui, é o da democracia racial. E é justamente no momento do rito carnavalesco que o mito é atualizado com toda a sua força simbólica. E é nesse instante que a mulher negra transforma-se única e exclusivamente na rainha, na ‘mulata deusa do meu samba’ (...) É nos desfiles das escolas de primeiro grupo que a vemos em sua máxima exaltação. Ali, ela perde seu anonimato e se transfigura na Cinderela do asfalto, adorada, desejada, devorada pelo olhar dos príncipes altos e loiros, vindos de terras distantes só para vê-la (...) Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra (...) Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica (...) É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas.”

Lélia Gonzalez, “Sexismo e Racismo na Cultura Brasileira”, 1987, página 228.

(9) “Ela [mãe preta], simplesmente, é a mãe. É isso mesmo, é a mãe. Porque a branca, na verdade, é a outra. Se assim não é, a gente pergunta: quem é que amamenta, que dá banho, que limpa cocô, que põe prá dormir, que acorda de noite prá cuidar, que ensina a falar, que conta história e por aí afora? É a mãe, não é? Pois então (...) A branca, a chamada legítima esposa, é justamente a outra que, por impossível que pareça, só serve prá parir os filhos do senhor. Não exerce a função materna. Esta é efetuada pela negra. Por isso a ‘mãe preta’ é a mãe.”

Lélia Gonzalez, “Sexismo e Racismo na Cultura Brasileira”, 1987, página 235.

(10) “Acontece que a mucama “permitida”, a empregada doméstica, só faz cutucar a culpabilidade branca porque ela continua sendo a mucama com todas as letras. Por isso ela é violenta e concretamente reprimida. Os exemplos não faltam nesse sentido (...) Por que será que ela só desempenha atividades que não implicam em “lidar com o público”? Ou seja, em atividades onde não pode ser vista? Por que os anúncios de emprego falam tanto em “boa aparência”? Por que será que, nas casas das madames, ela só pode ser cozinheira, arrumadeira ou faxineira e raramente copeira? Por que é ‘natural’ que ela seja a servente nas escolas, supermercados, hospitais, etc e tal?”

Lélia Gonzalez, “Sexismo e Racismo na Cultura Brasileira”, 1987, página 233.